

*Trilhas na Floresta Amazônica: uma leitura de A Voragem, de José Eustásio Rivera*<sup>1</sup>

Marinete Adriano de Melo (UFAC)\*  
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)\*\*

464

Resumo: As imagens acerca da Amazônia como paraíso, “inferno verde” ou Eldorado foram moldadas a partir dos textos dos viajantes estrangeiros que a visitaram nos séculos XVII e XVIII. Foi, sem dúvida, pela força da letra que se fixou no imaginário estas imagens. Neste trabalho, pretende-se revisitar as imagens sobre a Amazônia, nas múltiplas travessias no interior da floresta, empreendidas pelos personagens do romance do escritor colombiano José Eustásio Rivera – *La Vorágine*.

Palavras chave: Romance, Amazônia, imagens literárias.

Abstract: The images of Amazon as paradise, “green hell” or Eldorado were constructed from the texts of foreign explorers’ who visited the region during the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries. Consequently, it was the word force the responsible for establishing these images in people’s imaginary. This paper aims at revisiting images about the Amazon through the multiple crossings in the forest interior carried out by the characters of the novel *La Vorágine*, by the Colombian writer José Eustásio Rivera.

Key Words: novel, Amazon, literary images.

## I. INTRODUÇÃO

A Amazônia, tradicionalmente, vem sendo representada por múltiplas imagens que vão desde o paraíso terrestre ao inferno verde, imagens estas imortalizadas pela literatura e pelos relatos dos viajantes, que na tentativa de compreender a região e seus

<sup>1</sup> Este trabalho constitui recorte da Dissertação de Mestrado, atualmente em fase de elaboração, intitulada “Itinerários Amazônicos: Uma leitura de A Voragem, de José Eustásio Rivera”, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana M. do Nascimento.

\*Graduada em Letras pela Universidade Federal do Acre. Professora da Rede Estadual do Acre. Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre.

\*\*Docente do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. Docente do Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Este trabalho contou com o apoio do CNPq.

habitantes, revelam, através de seus textos, um cenário grandioso, cheio de mistérios e detentor de uma floresta exuberante. Enfim, o mítico paraíso.

Pressionados pelas adversidades comuns à época, os homens sonham encontrar o paraíso e a fonte da eterna juventude. A tradição religiosa dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais (...). Esse local foi encontrado pelos expedicionários de Orellana e se localizava na região amazônica. (GONDIM, p.10)

Nesse sentido, a Amazônia constitui uma invenção perpassada por muitos imaginários:

Contrariamente ao que se possa supor a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes. (IDEM, p.9)

Esse imaginário estigmatizador permanece enraizado na cultura do estrangeiro, conferindo uma espécie de identidade homogênea para a região. Nessa perspectiva, de acordo com estudiosos da literatura que versa sobre o universo amazônico, a projeção identitária, juntamente com a temática do isolamento, marcam grande parte dessa produção. Esse olhar estereotipado reforça esse discurso sobre a Amazônia, retratando o homem amazônida como sendo um ser que vive numa região definida como espaço de isolamento, habitat de uma população ainda primitiva.

Mary Pratt, em sua obra *Os olhos do império*, esclarece os motivos da predominância desse tipo de discurso em torno da Amazônia, mostrando que o olhar dos viajantes que chegaram à Amazônia, já vinha marcado pela ideologia eurocêntrica do homem branco. E foi esse olhar que ajudou a construir visões marcadas por estereótipos éticos, sociais, geográficos que povoam grande parte dos romances que tratam da Amazônia. Segundo Pratt, alcançamos uma descolonização política, mas ainda temos a mente colonizada, pois continuamos reproduzindo conhecimentos que refletem valores europeizados. Esse olhar, lançado de fora, “produz” imagens que retratam uma Amazônia homogênea, desconsiderando suas diversidades. E ao falar da necessidade de nos desvencilharmos da influência do Outro, a autora afirma:

Em nossa época chamada de pós-colonial, na qual o imperialismo é visto como substituído pela globalização, a pele branca continua agradando, as filhas continuam sendo vendidas, e os mitos imperiais continuam gerando significados, desejos e ações. Falta muito para que nos descolonizemos. (PRATT, 1999,p. 15)

Em Mary Pratt o “Eu” só se explica com o “Outro”, num processo de troca e assimilações de modos e representações culturais. A autora chama esse fenômeno *transculturação*, definido como sendo:

Etnógrafos têm usado esse termo para descrever como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizam. (IDEM, 1999, p.31)

Mas se para os colonizadores a Amazônia se constituía numa região que adquire diversos significados correspondentes aos mais diferentes contextos socioculturais, num olhar singularizador, para outros, os nativos, ela é plural. (GONÇALVES,2001, p. 18)

Na esteira das representações da Amazônia em sua grandiosidade paisagística, mas também denunciando as estruturas sociais presentes nessa região, José Eustasio Rivera, escritor colombiano, publica em 1924, o romance *La Vorágine* (1924), sendo, como bem afirmou Francisco Foot Hardmam “ a matriz ficcional de maior repercussão na literatura latino-americana do século XX”. (HARDMAM, 1982, p.126)

Em 1935, a obra de Eustasio Rivera foi traduzida no Brasil, tendo acompanhado o panorama literário da época, no qual havia uma grande recorrência de escritores e romances de caráter social. Essa tendência se anuncia em 1928 com a publicação de *A Bagaceira*, do paraibano José Américo de Almeida, no qual é retratando os contrastes humanos e sociais entre os trabalhadores e os senhores de engenho. Nesse ponto, o romance brasileiro inova ao abandonar a idealização romântica e a “imparcialidade” realista, para apresentar uma postura crítica sobre a realidade social e sobre o impacto dessas relações sobre o indivíduo.

O projeto literário do romance de 30 foi revelar como uma determinada realidade socioeconômica pode influenciar a vida dos seres humanos. Para tratar das questões regionais, os escritores retomam dois momentos anteriores da prosa: do regionalismo romântico, o interesse pela relação entre o homem e o meio em que vive, com o acréscimo da visão determinista; do Realismo, o estudo das relações sociais. A

linguagem predominante nesses romances procurava traduzir “a cor local” através de uma descrição minuciosa e detalhada dos ambientes, ou seja, as informações sobre espaços, costumes, que permitiam a tipificação de uma determinada região.

José Eustasio Rivera nasceu na cidade de San Mateo em 19 de Fevereiro de 1888, em uma família dedicada ao trabalho de campo. Os pais, Don Eustasio Rivera e Catalina Salas, tiveram onze filhos. Rivera publicou seu primeiro livro, *Terra da Promessa*, em 1921, composta por sonetos. Em 1922, foi nomeado secretário da Comissão de fronteira Colômbia-Venezuela, mas em pouco tempo, por considerar que era pouco o apoio do governo dado às suas viagens. Continuou a viajar por conta própria para investigar uma série de ataques contra os cidadãos colombianos, por parte de peruanos. Dentre os relatos estavam: a venda de seringueiros brasileiros colombianos e a penetração de peruanos no território nacional colombiano. Esteve em Manaus no intuito de denunciar as condições de escravidão dos seringueiros brasileiros e colombianos em terras peruanas. No entanto, não viu êxito em seus protestos. Desiludido, voltou à Neiva e passou a usar sua escrita como sua arma mais eficaz contra a exploração e o abandono dos seringueiros.

## II. RUMO ÀS SELVAS COLOMBIANAS

José Eustasio Rivera, em *La Vorágine*, demarca a ideia da selva amazônica como redemoinho/voragem, suscitando imagens portentosas do excesso, do exótico, do desenfreado e do fabuloso.

O enredo de *La Vorágine* traz sucessivas aventuras vivenciadas pelos seus personagens. Em sua primeira parte é narrada a fuga do protagonista e narrador, Arturo Cova, que junto à Alícia desloca-se de Bogotá, com a ajuda de Don Rafo, um vendedor ambulante de varejo, para Casanare na planície de Los Lhanos, para fugir do casamento arranjado pelos pais de Alícia, uma vez que a moça deitara-se com o aventureiro. Chegam a La Maporita, onde são recebidos por seus amigos Fidel Franco e sua esposa, a menina Griselda, de quem Alícia se torna amiga. A estreita amizade entre as duas mulheres desperta o ciúmes de Arturo, por considerar que Griselda servia de ponto para estabelecer uma relação entre Alícia e Barrera, um comerciante da região que aliciava seringueiros e mulheres para vender nos seringais da Amazônia. Em meio a uma crise de ciúmes, Cova abandona as duas mulheres e vai para Zubieta.

No segundo capítulo, narra-se o encontro do protagonista com Fidel, que o comunica do desaparecimento de Alícia e Griselda, a partir de então passa a acreditar na traição da amada. No intuito de vingá-se da suposta traição, reúne-se a Fidel, Pipa e alguns índios, e parte em busca de Barrera e das duas mulheres. No trajeto, conhece José Clemente, um velho que vagava a muito tempo na selva em busca de seu filho Lucianito, que também desaparecera e se embrenhara na selva. Clemente relata toda sua história de sofrimento, errância e exploração vivida por ele, desde que chegara à região. Juntos, vivem diversas aventuras em busca do seringal onde poderiam estar Alícia e Griselda.

Na última parte, o grupo chega ao seringal Guaracú. Ao encontrar Zoraia, Arturo se passa por um venezuelano, Vácares, cuja fortuna havia perdido num naufrágio. Durante o tempo em que permaneceram ali, o protagonista conseguiu conquistar o coração e a confiança de Zoraia, e foi a partir dessa estratégia que conseguiu encontrar Barrera, Alícia, Griselda e, finalmente, descobrir que ambas haviam sido sequestradas por Barrera, e que Alícia esperava um filho seu.

No decorrer de toda narração, sobretudo, a partir do segundo capítulo, de *La Vorágine*, o espaço amazônico é apresentado ao leitor como um lugar “longínquo”, “desabitado”, onde a selva é “devoradora” daquele que nela habita, principalmente do recém-chegado à região. O espaço, na descrição do autor, ganha traços de humanização, enquanto que o sujeito “humano” animaliza-se, devido a ação determinista do meio sobre ele. Essa leitura da selva fica evidente no lamento proferido por Arturo Cova:

(...) Algo pior ainda: A selva transtorna o homem, desenvolvendo seus instintos mais desumanos: a crueldade invade a alma como o espinho intrincado e a cobiça queima como febre. A ânsia por riquezas convalesce o corpo já desfalecido e o cheiro da borracha produz a loucura dos milhões. (RIVERA, 1982, p. 123)

A supremacia do espaço é evidente nos relatos do narrador. A selva parece antropomorfizar-se, numa representação de sua força e domínio sobre o homem, intruso-explorador de suas riquezas: “Tuas vozes multíssonas formam um só eco a chorar pelos troncos que se derrubam, e em cada brecha os novos gérmenes apressam suas gestações. (...) mais que ao carvalho de galhos robustos, aprendeu a amar a lânguida orquídea.” (IDEM, p. 87). E, ainda:

Ó selva, esposa do silêncio, mãe da solidão e da neblina! Que destino maligno me deixou prisioneiro em seu cárcere verde? (...) Tu és catedral do pesadume, onde deuses desconhecidos falam a meia-voz, no idioma

dos murmúrios, prometendo longevidade às árvores imponentes, contemporâneas do paraíso(...). (IDEM, p. 87)

Em *La Vorágine*, além da retratação da luta inglória do homem com o espaço amazônico, Rivera denuncia as relações entre caucheiros e os seringalistas. Trabalhadores brasileiros e colombianos são aliciados por seringalistas peruanos, embalados pelo sonho de enriquecimento através da extração do látex. Quando chegavam aos seringais se deparavam com uma realidade bem diferente da imaginada: adquiriam dívidas desde sua chegada, uma vez que seus utensílios para o corte da seringa, bem como o alimento, eram “debitados” como dívidas, que em pouco tempos já não podiam pagar. Era o fim de seus sonhos e o começo de um sistema de escravidão.

O pessoal dos trabalhadores está composto, em sua maioria, de indígenas e recrutado que, segundo as leis da região, não podem mudar de dono antes de dois anos. Cada indivíduo tem uma conta na qual se carrega as bugingangas que são empurradas neles, as ferramentas, os alimentos e a borracha é abonada a um preço irrisório, determinado pelo amo. Jamais seringueiro algum sabe quanto custa o que recebe, nem por quanto lhe abonam aquilo que entrega, pois o segredo do empresário está em guardar o modo de ser sempre credor. Essa nova forma de escravidão atravessa a vida dos homens e é transmissível aos seus herdeiros. (IDEM, p. 127)

O sistema de trabalho escravo é denunciado em vários pontos da narrativa, desde a retratação minuciosa que o narrador faz de como esses trabalhadores eram recrutados até as negociações, que eram feitas após assumirem uma dívida impossível de ser paga com sua força de trabalho, impedindo completamente o retorno a sua pátria. Essa era a situação de José Clemente, que sem condições de quitar seu débito, fora negociado, por diversas vezes, e vendido para outros seringais.

O Cayeno deveria aceitar minha proposta vantajosa: em troca de um velho inútil receberia um seringueiro jovem, ou dois mais, porque Franco e Heli não me abandonariam. Para adulá-lo, tentaria falar-lhe em francês: “Senhor, este ancião é parente meu e, como não pode pagar-lhe a conta, deixe-o livre e de-nos trabalho até que a saldemos”. E o antigo fugitivo de Caiena acederia sem hesitar. (IDEM, p. 159)

No entanto, a escravidão, naquele espaço, não se restringia às relações de trabalho. O autor denuncia também a bárbara relação entre homens e mulheres, marcada pela opressão e exploração sexual da figura feminina. A exuberante selva parecia insensível ao amor, por isso os homens naquele espaço “insólito” e “devastador”, pareciam perder a capacidade de amar ou até mesmo demonstrar sensibilidade diante do

outro gênero. Ali, as relações não eram de homens e mulheres, mas em seu estado de animalização “machos” saíam em busca de “fêmeas” para saciar-lhes os instintos:

Aconteceu que nessas noites os seringueiros invadiram a choupana das mulheres, para gozá-las como prêmio de uma semana, segundo um velho costume. Fedendo a fumaça e a sujeira, assim que acabam de fumar, apresentam-se a sentinela e, com um gesto lascivo, combinam o turno. (...). Ontem à noite, duas meninas montanhesas choravam aos gritos no alto da escada, porque todos os homens as preferiam e era impossível continuar resistindo. O Váquiro, ameaçando-as com a chibata, insultou-as. Uma delas, desesperada, jogou-se ao chão e quebrou um braço. (IDEM, p. 206)

No decorrer de toda a narrativa, a quebra da relação desumana entre homens e mulheres é suavizada pela história de amor de Arturo Cova por Alícia. Um sentimento que é capaz de levá-lo a penetrar no interior da selva amazônica, enfrentar todos os perigos para resgatar sua amada que fora sequestrada por Barrera. A notícia da gravidez de Alícia, e o nascimento da criança ainda no percurso da fuga de Arturo e sua amada, simbolizam a esperança de uma nova vida para os habitantes daquela região, uma vida livre da escravidão e do sofrimento:

Anteontem à noite, na miséria, na escuridão e no desamparo, nasceu o pequeno setemesinho. Sua primeira queixa, seu primeiro grito, seu primeiro pranto foram para as selvas desumanas. Viverá! Levarei-o comigo em uma canoa por esses rios, à procura da minha terra, longe da dor e da escravidão, como o seringueiro do Putumayo, como Julio Sanchez! (IDEM, p. 226)

### III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rivera, à semelhança de outros autores, apresenta um discurso carregado de uma visão negativa sobre a região. Esse discurso amazonialista vem sendo formado desde o século XVI, quando chegaram os primeiros desbravadores e lançaram os mais diversos olhares sobre a região na ânsia de defini-la. O desejo de conhecer, desbravar essa região “exótica” e “misteriosa” foi dando forma a um discurso homogeneizador, que define a selva amazônica a partir dos mesmos referenciais: “indomável”, “avassaladora”, “paraíso perdido”, “inferno verde”, “cárcere verde”, “espaço de solidão”, “distante”. Enfim, os adjetivos são vários, mas giram em torno da mesma dicotomia: inferno/paraíso, uma vez que olhar lançado sobre a Amazônia toma como referencial de civilização, o espaço da Europa.

No decorrer da descrição da selva, fica evidente a vida do autor sobre aqueles espaços, à medida que o discurso vai descortinando uma Amazônia marcada pela selvageria, ao dá ênfase a aspectos que simbolizam a não civilização, ao mesmo tempo, que a perspectiva de denuncia se mostra como mola mestra da escrita. O autor pretende delatar, “à civilização” e às autoridades, as condições desumanas em que viviam os sujeitos que trabalhavam na extração do látex e que custeavam luxos dos patrões que viviam nas grandes metrópoles. Diante disso, o discurso do narrador delineia uma selva que transforma o homem, independente de sua vontade, como a mostrar um sujeito “asujeitado” às condições socioculturais do meio, eximindo-o de toda culpa e barbáries cometidos contra o “Outro” e contra si mesmo. Ele é apenas produto das forças naturais e joguete em meio a exuberante selva, como diria Taine, e, por isso, precisa ser liberto daquele espaço “devorador”. É preciso libertá-lo da “Voragem” da selva.

#### IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GONÇALVES, Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. SP: Contexto, 2001.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia*. São Paulo: Global, 1982.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RIVERA, José Eustasio. *A Voragem*. Trad. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.